



LEITURA CULTURAL DAS REPRESENTAÇÕES RACIAIS NA LITERATURA

Carlos Magno Gomes
Prof. Adjunto da UFS
calmag@bol.com.br

Os Estudos Culturais proporcionaram o deslocamento da leitura literária de lugar ao valorizar o que está fora da tradição e do sujeito universal. Nessa perspectiva, tanto os estudos feministas como as questões afro-brasileiras entram na pauta do debate acadêmico. Tais vertentes de crítica cultural proporcionaram novos desafios a partir de experiências que buscam interpretar diferentes tensões políticas por trás das representações culturais e artísticas. Dessa forma, com a valorização da diferença cultural, a alteridade e a pluralidade passam a fazer parte de discussões que consideram a literatura como parte da cultura e dos sistemas simbólicos e de significação (RESENDE, 2005, p. 252).

Com essa abertura para a interculturalidade, novas tensões também passaram a fazer parte das metodologias de análises dos textos literários. Com isso, a perspectiva do que seja engajamento crítico ganhou uma dimensão maior, pois a luta pelos direitos humanos foi incorporada por uma prática consciente e politizada para dar visibilidade a questões que até então pareciam deixadas a um segundo plano como a questões raciais. Seguindo essa perspectiva, este trabalho apresenta uma proposta metodológica de leitura da representação do negro em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *Poemas Negros*, de Jorge de Lima. Tal representação está marcada pela ambiguidade sobre a opressão sofrida pelo negro no Brasil que ora é descrita como parte do folclore, ora como parte de uma crise da modernidade.

Tal dualidade fica exposta quando o escritor representa o desespero do homem e da mulher negra como corpos submissos por meio de uma visão histórica catastrófica da colonização e da modernização do Brasil. Partindo dessa problemática, propomos uma leitura revisionista a partir do pensamento de Homi Bhabha e Edward Said. Metodologicamente, defendemos o conceito de leitor cultural como uma opção política



de leitura para dar visibilidade às questões raciais por meio da recepção atual. Assim, propomos a leitura interdisciplinar como indispensável para a formação do leitor cultural – aquele que está politicamente voltado para identificar as tensões de classe, de raça, ou de gênero. Didaticamente, dividimos este texto em dois momentos. No primeiro, defendemos a interdisciplinaridade como um horizonte da leitura cultural. No segundo, defendemos a ambiguidade como a marca do questionamento racial em José Lins do Rêgo e Jorge de Lima.

Rumo a uma pedagogia da provocação, defendemos uma leitura interdisciplinar a partir das subjetividades do tecido literário e da destotalização dos textos para retomá-los por meio de uma prática pedagógica alternativa. Seguindo esse raciocínio, o leitor deve se aproximar da produção cultural de diferentes épocas por um olhar atual crítico e capaz de entender as especificidades do texto literário. Para esse tipo de leitura, prioriza-se a questão referente ao “como” os elementos culturais estão representados na ficção. Assim, fala-se de um leitor politizado, de um leitor que é consequência de uma pedagogia politizada e inclusiva, de uma pedagogia que privilegia a formação social do aluno a partir das diferenças raciais, entre outras. Nesta proposta, o leitor inclui questões de pertencimento identitário no roteiro de sua interpretação para identificar a camada ideológica explorada pelo autor.

Além de explorar as questões raciais, para o sucesso de uma leitura interdisciplinar, não podemos desconsiderar as heranças do leitor. Assim, a exploração das ambiguidades raciais nas representações do negro na literatura brasileira proporciona um jogo entre o campo social e o individual do leitor e propõe uma atividade de leitura dinâmica, na qual a saída passa a ser uma leitura menos hermética e menos emotiva para construir uma “prática de instauração de significados” (LAJOLO, 2005, p. 96-7). Com isso, a leitura, vista como uma prática social, possibilita novas relações entre literatura e sociedade.

Não defendemos a tautologia da obra aberta, nem do leitor como o novo comandante da interpretação, mas sim a valorização do leitor como uma das partes do processo de construção de sentidos a partir daquilo que o texto lhe sugere. Nessa dinâmica, “participam, em papéis, e perspectivas diferentes, todos os que, em dados contextos, interagem com o texto literário” (LAJOLO, 2005, p. 92). Dessa forma, o texto



literário é antes de qualquer leitura, um espaço plural, um espaço de confronto de linguagens e de memórias: do autor, da literatura e do próprio leitor.

No campo metodológico, sabemos que a leitura cultural apresenta diferentes articulações e contradições que podem ser exploradas como parte dessa abordagem politizada. O foco cultural reconhece a multiplicidade de discursos que o texto literário apresenta. Entender os conflitos desses discursos é o papel do leitor que usa os estudos culturais como base para suas reflexões acerca do pertencimento identitário.

Além disso, os estudos literários ganham mais mobilidade com as diferentes abordagens sobre a sexualidade e as questões étnico-raciais propostas nas últimas décadas no Brasil. Essa agenda de debate vem sendo ampliada e gira em torno de “questões de gênero e sexualidade, identidades nacionais, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnicidade, além da análise de objetos de estudo de campo, como manifestações artísticas e culturais das subculturas urbanas” (RESENDE, 2005, p. 256). Essa agenda reforça o cuidado que devemos ter quando se trata de analisarmos o texto literário, pois o fato de valorizarmos as manifestações artísticas e as subculturas não quer dizer que deixamos de lado as especificidades do texto literário. Assim, precisamos fazer novas reflexões de como a crítica cultura pode explorar de forma mais plena as especificidades em torno do texto literário para produzir uma análise politizada.

Nessa direção, cabe apontar os deslocamentos das fronteiras do texto literário, como uma abertura da experiência de leitura para diversas traduções culturais. Tal proposta segue a trilha da interdisciplinaridade como uma prática de leitura, reconhecendo que “as ciências humanas se formam a partir do entrecruzamento e superposição de diferentes ciências, disciplinas” (MARQUES, 1999, p. 66). Por isso, explorar conceitos de diferentes vertentes teóricas passa a ser uma missão do pesquisador contemporâneo interessado em deslocar o lugar da leitura tradicional. Assim, nas novas interpretações, não só a construção estética está em jogo, mas sobretudo a capacidade de questionamento proposta pelos grupos historicamente silenciados ou marginalizados como mulheres, negros, homossexuais, estrangeiros, entre tantos grupos excluídos pela cultura hegemônica.

A provisoriedade e a diversidade dos conceitos propostos pela interdisciplinaridade trazem dúvidas e questionamentos indispensáveis para uma leitura



preocupada com o “como” está sendo feita. Portanto, ideologicamente, ressaltamos a importância dos aspectos sociais do texto literário como um espaço híbrido por meio do qual tentamos entender como as representações afro-brasileiras estão construídas no texto literário.

A leitura cultural é sustentada pela perspectiva de que uma identidade está sempre *rasurada* por outra, visto que uma identidade não existe sem seu passado. Dessa forma, a identidade do negro não pode ser lida sem seu passado de excluída. Daí a importância do conceito de identidade cultural se opor a um ‘eu’ coletivo que garanta um pertencimento cultural. Além de fragmentada e fraturada, a identidade é “construída múltiplamente ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL, 2000, p. 108). Tal perspectiva de diversidade de fronteiras identitárias nos ajuda a entender melhor como a representação do negro é ambígua na literatura brasileira.

Ora, tanto as representações do narrador de *Menino de Engenho*, como a posição do eu lírico de *Poemas negros* trazem o embate entre o homem branco e o negro como o outro dessa relação. Assim, a construção dessas identidades da narrativização do eu, e do processo de pertencimento imaginário, que negocia com nossas rotas e raízes, por isso “em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático” (HALL, 2000, p. 109). Esse campo fantasmático pode ser identificado nos textos selecionados por se tratar de um poeta pertencente ao grupo dominante que tenta descrever o outro de raça. Tal campo tanto pode ser identificado nos poemas mais folclóricos, como nos que relevam o grito do negro como uma tentativa de dar voz a esses corpos marginalizados.

Outra reflexão importante acerca da relação entre identidade e cultura é dada por Homi Bhabha, que elege a revisão cultural como uma prática consciente do crítico preocupado em rever as identidades silenciadas pelo processo modernizador. Bhabha prega que a “diversidade cultural” traz algumas suspeitas sobre a democracia racial, pois valoriza a “intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única” (BHABHA, 1998, p. 63).

Assim, a identidade racial que este trabalho questiona é a fruto da “identidade coletiva” e propõe uma leitura da identidade racial que passa do colonizador para o



colonizado, uma vez que a utopia da democracia racial não será levada em conta nesta análise. Essa forma de leitura aproxima-se do olhar revisionista proposto pelos estudos culturais que discutem os aspectos da crítica tradicional que, de uma forma implícita ou explícita, “tem se caracterizado no papel de manter o subordinado como subordinado, o inferior como inferior” (SAID, 1995, p. 120). Por esse viés, o lugar do negro, tanto nas memórias de José Lins do Rego como no painel regionalista de Jorge de Lima, apresenta uma dualidade que tanto repete a condição de subordinado como também deixa marcas para uma reflexão sobre tal condição.

Então, seguindo essa pista deixada pela interdisciplinaridade dos Estudos Culturais passamos a segunda parte deste trabalho que avalia como a ambiguidade é construída nas representações de Jorge de Lima e de José Lins do Rego. Iniciamos esta leitura lembrando que homens e mulheres negras historicamente foram silenciados pela colonização que sempre exigiu muito desse povo e pouco lhe ofereceu socialmente. Esse impasse está presente nos textos literários, isto é, o conflito entre o homem branco e o povo negro pode ser identificado na forma como a culpa está presente em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *Poemas Negros*, de Jorge de Lima. Assim, esta análise parte da hipótese de que o discurso do negro presente nas obras traz o incômodo do passado opressor como uma causa do texto literário.

José Lins do Rego e Jorge de Lima apresentam uma perspectiva nascida da violência da conquista e retratam o conflito entre a oralidade e a escritura, a cultura popular e a cultura ilustrada de forma que marca um processo de transculturação, próprio da região Nordeste do Brasil. Esses autores, mesmo estando diante de um movimento de vanguarda constroem um texto que reproduz o modelo dominante diante das atitudes transgressoras dos subalternos. De uma forma ambígua, eles apresentam um negro que ora se opõe ao modelo modernizador, ora tenta negociar com do seu lugar de desvantagem social. Nesse conflito, a voz do branco prevalece e o grito do negro soa fragmentado e fora do lugar, todavia como questionamento da modernização.

Nesta proposta, podemos identificar o quanto *Menino engenho* apresenta um olhar estrangeiro, pois o narrador Carlinhos descreve como o homem branco julgava e avaliava a rebeldia dos negros no espaço do engenho do avô. Essa posição de desrespeito aos direitos humanos é retomada em várias passagens pelo narrador consciente da



barbárie da escravidão: “O meu avô mandou botar o cabra no tronco. E nós fomos vê-lo, estendido no chão, com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco” (REGO, 1996, p. 29).

Em outras passagens, a obra de Rego descreve como as mulheres são construídas culturalmente como parideiras, isto é, adequadas à prosperidade do sistema colonizador: “E todo ano pariam o seu filho. Avelina tinha filho do Zé Ludovina, do João Miguel destilador, do Manuel Pedro purgador. Herdavam das mães escravas esta fecundidade de boas parideiras” (REGO, 1996, p. 39). Essa mesma imagem vai ser retomada por Jorge de Lima no seu poema “Mulher proletária”. Assim, observamos que mesmo descrevendo como os negros eram tratados, o narrador dessa obra deixa uma pista do sistema opressor por trás da escravidão. Com essa leitura cultura, o leitor se projeta fora do espaço tradicional e aponta a subjetividade da arte como um espaço de questionamento, pois no processo de leitura podemos “vincular as estruturas de uma narrativa às ideias, conceitos e experiências em que ela se apoia” (SAID, 1995, p. 105). Assim, o texto remete o leitor para fora da estrutura narrativa, o campo cultural.

A leitura cultura desse romance de Lins do Rego nos oferece uma oportunidade para retomarmos o quanto a ambiguidade faz parte desta obra. Tal postura crítica pode ser identificada na voz do narrador menino: “A senzala do Santa Rosa não desaparecera com a abolição. Ela continuava pegada à casa-grande, com as suas negras parindo, as boas amas-de-leite e os bons cabras do eito” (REGO, 1996, p. 41). Nesse aspecto, o narrador deixa as marcas de uma sociedade atrasada e de diferenças raciais. Mesmo descrito por um olhar infantil, o leitor crítico reconhece a omissão política como uma das causas dos desrespeitos aos ex-escravos e seus descendentes.

O olhar do narrador menino se confunde com o do narrador adulto. Dessa fusão de vozes, podemos identificar a ambiguidade desse depoimento que traz a memória de um olhar exótico descrita por uma consciência culpada, que mesmo assim deixa prevalecer o ponto de vista da arrogância da colonização:

O costume de ver todo dia esta gente na sua degradação me habituava com a sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos



brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos (REGO, 1996, p. 60).

Nesta proposta metodológica, ressaltamos a recepção ativa desse texto como um proposta de leitura cultural, isto é, uma leitura que privilegia o quanto a opressão racial deixa as marcas do sistema no narrador menino. Nesse sentido, o leitor cultural precisa valorizar como os problemas sociais foram representados artisticamente, visto que “‘o quê’ e o ‘como’ nas representações das ‘coisas’, mesmo admitindo uma considerável liberdade individual, são circunscritos e socialmente regulados” (SAID, 1995, p. 120). Assim, o olhar do menino branco traz o quanto a opressão racial era parte do processo de totalização que imperava no espaço da casa-grande.

Ao se mostrar constrangido com sua inocência de criança, o narrador adulto deixa transparecer uma consciência pesada de toda aquela opressão que seu avô cultivava em suas terras, mesmo após a abolição. Seu conflito está no fato de reconhecer a posição humilhante dos negros e seus privilégios sociais, presentes na comparação entre negros e animais de cargas que repete a idéia de superioridade do homem branco.

Tais posições ambíguas nos reveladas por uma leitura cultural nos remetem ao conflito modernizador que *Menino de engenho* apresenta. Isto é, deixa claro que há os discursos universais de liberdade e igualdade são uma utopia para o negro brasileiro como reconhece o narrador adulto: “Para esta gente pobre a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha seca e trabalhando a dia” (REGO, 1996, p. 61). Nesse sentido, podemos dizer que a linguagem usada por Lins do Rego traz a marca da ambiguidade que ora descreve o negro como o outro do modernista, ora como parte da culpa do homem branco.

Nesse sentido, sua linguagem revela tais conflitos por dois motivos: pela questão de repetir um imaginário em que o poder do homem branco é valorizado como parte da produção dos ícones e símbolos, dos mitos e metáforas por meio dos quais o homem vive sua própria cultura (BHABHA, 1996, p. 36). Isso é, o discurso que prevalece é o do narrador menino que traz a alegria da infância como uma marca de sua inocência; no segundo, temos a forma como essa questão é representada por um narrador adulto saudosista, mas consciente da opressão sofrida pelo homem negro.



Tal forma de retomar a herança local nos deixa a pista dessa ambiguidade e do quanto essas representações podem ser questionadas, já que “cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que ela gerou” (SAID, 1995, p. 105). Portanto, a leitura cultural nos aponta esse olhar ambíguo de Lins do Rego acerca da representação do negro, pois há o desconforto do narrador ao retomar de forma saudosista o seu passado feliz na fazenda de seu avô. Tal ambiguidade também está presente nos poemas regionalistas de Jorge de Lima.

Nesse sentido, a poesia de Jorge de Lima também pode ser vista por seu olhar ambíguo quando descreve o negro como um operário. Seus poemas dialogam com as representações de José Lins do Rego ao associar a cultura afro-brasileira à opressão e à festividade da cultura brasileira. Tal representação cultural abrange, além do imaginário pitoresco das datas festivas e folclóricas do regionalismo literário, a visão histórica catastrófica da exploração social do negro. Dessa forma, também se pretende ressaltar a crítica cultural de sua poesia que, ao se mostrar preocupado com os problemas impostos pela modernização do Brasil, traduz a identidade folclórica afro-brasileira como um lugar ambíguo e problemático, pois registra uma tensão entre a cultura local e a colonizadora sem deixar de lado a barbárie da escravidão e seus fantasmas.

Nesse sentido, a representação do negro revela uma consciência politizada que tanto reforça os valores impostos pela brutalidade da dominação, como questiona o exótico como um lugar de otimismo social. Assim, a representação do negro traduz a visão folclórica como parte do incômodo da cultura regionalista.

Outro aspecto importante é o fato de sua poesia apresentar aspectos híbridos do contexto cultural afro-brasileiro e dos valores da tradição popular. Esses aspectos resgatam formas, temas, motivos e, até mesmo, fatos da língua popular especificamente do afro-brasileiro escravizado. Assim, sua escrita faz uma crítica à modernidade, quando recupera aspectos locais marcantes do massacre e opressão sofrida pelos africanos desde o sequestro em sua terra natal e traslado como bichos para as terras brasileiras onde foram domados para a produção local.

O poema “Essa Negra Fulô” vai apresentar parte dessa história ao resgatar o olhar exótico do negro a partir de uma visão pitoresca da relação entre a mulher negra e o senhor de engenho. Tal poema reproduz uma narrativa marcada pela malandragem da



mulher afro-brasileira num sistema que a usa como elemento sexual exótico. A descrição folclórica da negra pode ser identificada quando o poema descreve por um olhar humorístico a democracia racial.

Outro aspecto dessa amenidade pode ser observado na descrição das atitudes sexuais de Fulô, que passa a ser sujeito quando age com o corpo desejado pelo colonizador. Aqui se repete o mito da mulher que seduz por sua beleza e força sexual. Tal comportamento sexual funciona como um “salvo-conduto”, uma forma de transitar livremente pelos espaços da casa-grande. Mas, para tal concessão, Fulô paga um novo preço por sua condição de subordinada, é desmoralizada socialmente, já que está retratada, ora como uma ladra, ora como uma “mulher fácil”:

Ó Fulô? Ó Fulô?
cadê meu lenço de rendas
cadê meu cinto, meu broche,
cadê meu terço de ouro
que teu Sinhó me mandou?
Ah! foi você que roubou.
Ah! foi você que roubou.
.....
Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me mandou?
Ah! foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?
(LIMA, 1997, p. 255).

Por essa perspectiva, a identidade de Fulô está reproduzida pela consciência do colonizador, a do branco, preocupado em repetir a história sem uma revisão do lugar da fala do negro, já que se trata de um olhar disciplinador. Além do mais, o caráter pitoresco do episódio de Fulô também está no fato de suas atitudes não serem vistas como uma resistência ao sistema opressor, nem à moral da cultura colonizadora. Com isso, as peripécias de Fulô reforçam o olhar folclórico, porque ela é mais uma negra que tenta conquistar a atenção da casa grande.

Todavia, não podemos ler essa representação como algo fixo, pois há uma crítica à homogeneização cultural pode ser identificada pelo tom humorístico que descreve as atitudes transgressivas de Fulô, pelo caráter exótico de sua sexualidade. Mesmo assim, o texto aponta o local da coerção e punição como método de controle já que a força é usada como forma para manter a disciplina de Fulô.



Tais imagens da escrava repetem uma versão histórica menos politizada que estética, pois há ainda o predomínio, culturalmente, de um tom folclórico e colorido da “diversidade étnica democrática”. Quanto à forma, o poema de Fulô está composto de versos curtos, com um ritmo que se aproxima de ritmos musicais afro-brasileiros. A oralidade local está presente na forma como o texto se desdobra, usando a técnica dos “contos de trancoso”, narrativas que apresentam personagens que levam vantagem socialmente por meios ilícitos, mas que são descobertos pelo sistema. O riso é uma das características desses contos. Tal representação cômica mantém o caráter pitoresco dos comportamentos culturais da região:

O Sinhó foi açoiar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.
(LIMA, 1997, p. 255).

Como visto até aqui, o regionalismo literário de Jorge de Lima privilegia o passado cultural da região como algo festivo, todavia não deixa de lado a violência imposta pela regras da segregação racial. Assim, embora destaque uma visão folclórica, a poesia regionalista de Jorge de Lima também reproduz uma crítica cultural da situação do negro diante da modernização. Essa posição pode ser melhor entendida quando trazemos a leitura de textos mais politizados como “Mulher proletária” para o diálogo com os textos regionalistas do autor.

Esse poema descreve a perversidade da modernização por meio da imagem da mãe do proletariado e resgata a tradição da mulher parideira, já apontada por José Lins do Rego em *Menino de engenho*. Ao colocarmos essa imagem da mulher como uma produtora de mão-de-obra deixamos claro o quanto de subjetividade e tensão política está por trás das representações do negro da literatura. Em “Mulher proletária”, localizamos o olhar politizado de Jorge de Lima, que se opõe ao olhar pitoresco de sua poesia regionalista: Mulher proletária – única fábrica/ que o operário tem (fábrica de filhos) (LIMA, 1997, p. 286).

Nesse poema, Jorge de Lima também apresenta a ambiguidade, pois retoma a ideia da mulher como uma reprodutora de mão-de-obra para o capitalismo. O senhor de



engenho é substituído pelo industrial que explora os marginalizados. Com essa imagem, esse poema descreve a modernidade como uma cultura conflitante de coerção social. Portanto, fazer uma leitura cultural nos remete ao campo da tradução do material ideológico que sustenta determinadas representações sociais que são sempre traiçoeiras e a essência do original não é reforçada, mas sim simulada e transferida. Nunca o original se conclui ou se completa em si mesmo (BHABHA, 1996, p. 36).

Assim, a representação do excluído na poesia de Jorge de Lima transita da visão folclórica, em “Essa negra Fulô”, para chegar a uma visão política da exclusão social em “Mulher proletária”. Daí destaca-se a ambiguidade entre o olhar pitoresco e a visão catastrófica dessa opressão. Portanto, seus poemas não só descrevem as imagens alegres e folclóricas da representação do negro, como também problematizam a barbárie do processo de modernização do Brasil.

Pelo visto, José Lins do Rego e Jorge de Lima colocam em tensão a identidade do negro diante dos seus conflitos raciais e sociais. Tal representação, mesmo sem deixar de lado uma narrativa exótica da escravidão, não apresenta apenas a versão da democracia racial, uma vez que as dualidades do silêncio do negro é fruto da barbárie. Por meio do silêncio e do pessimismo, esses dois escritores descentram a representação do negro e deixam espaços em branco em suas obras que podem ser preenchidos pelo leitor crítico que questiona o mito da democracia racial brasileira.

Esse deslocamento deve levar em conta também que “há uma necessidade de uma noção política que se baseie em identidades políticas desiguais, não uniformes, múltiplas e *potencialmente antagônicas*” (BHABHA, 1996, p. 35). Assim, ideologicamente, ressaltamos a importância dos aspectos sociais dos textos de José Lins do Rego e de Jorge de Lima a partir da desvalorização das desigualdades históricas.

Portanto, Lins do Rego e Jorge de Lima partem da ambiguidade da representação do negro para restaura a visão regional a partir dos conflitos raciais presentes na identidade local. Embora não apresente uma resposta a qualquer proposta de uma identidade brasileira, nordestina ou negra, esses escritores se mostram preocupados em resgatar o passado e sem perder o rumo dos conflitos e suas conseqüências sociais, mesmo revelando discurso do homem branco, colonizador, como o “locus” da enunciação.



Com a leitura cultural, percebemos que a representação do negro é ambígua e traz tanto a visão folclórica como a consciência da barbárie como elementos indispensáveis para uma leitura crítica, pois podemos “vincular as estruturas de uma narrativa às ideias, conceitos e experiências em que ela se apoia” (SAID, 1995, p. 105). Assim, esta proposta de leitura deixa bem mais interessante a interpretação textual a partir do que fica nas margens.

Ao destacarmos o híbrido do texto literário e a provisoriedade por trás dos métodos e conceitos dos Estudos Culturais, reconhecemos que suas dúvidas e questionamentos são indispensáveis para uma crítica preocupada com o “como” está sendo feita. Tal proposta interdisciplinar nos possibilita um arejamento dos estudos literários a partir da “problematização e politização do termo cultura” (RESENDE, 2005, p. 248).

Com a inclusão do tema do pertencimento identitário, o leitor cultural vai aos poucos percebendo que o texto literário traz diferentes abordagens dos problemas sociais que devem ser historicamente situados, mas que, principalmente, devem ser comparados e problematizados com a situação do leitor atual. Com isso, pensamos em uma leitura que explore as contribuições dos estudos culturais e da recepção crítica para tornar o ato de ler um ato social.

Dessa forma, a contribuição teórica dos estudos culturais pode ser explorada a partir das especificidades históricas e pelo fato de os saberes estarem marcados pela impossibilidade do fechamento absoluto da ciência (MARQUES, 1999, p. 66). Nesse sentido, defendemos uma leitura cultural que parte de um movimento de identificação para resignificar o texto, pois a construção de sentido “é um processo de se identificar com e através de outro objeto, um objeto de alteridade, ponto no qual a ação de identificação – o sujeito – é ela mesma sempre ambivalente, por causa da intervenção dessa alteridade” (BHABHA, 1996, p. 37). Assim, o leitor cultural deve estar preparado para o processo de identificações com ideais de culturas que não são harmoniosos.

Referências

BHABHA, Homi. O terceiro espaço. In *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional*, nº 24. Entrevista concedida a Jonathan Rutherford, 1996, p. 35-41.



BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et alli. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

1997.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAJOLO, M. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: ZILBERMAN, R. E SILVA, E. T. (Orgs.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2005, p. 87-99.

LIMA, Jorge. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

MARQUES, Reinaldo. Literatura comparada e estudos culturais: diálogos interdisciplinares. In CARVALHAL, Tania Franco (Org.) **Culturas, contextos e discursos: limiares críticos do comparatismo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 58-67.

REGO, José Lins. **Menino de engenho**. 66^a. edição. Rio de Janeiro. José Olympio, 1996.

RESENDE, Beatriz. Os estudos culturais e a política dos saberes. In GUINSBURG, J. e BARBOSA, Ana Mae (orgs.). **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005, 245-259.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottamn, São Paulo: Companhia das letras. 1995.